

Mediatização como fenômeno da solidariedade: a invisibilidade oferecida à temática do trabalho doméstico não remunerado em redes sociais de Geledés como processo de aquilombamento.¹

Samara Sanches Brochado²

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, São Paulo, SP
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Compreender o processo de mediatização em redes sociais, poderia ser, por vezes, buscar identificar o invisível? Como analisar sobre o que não se viu? A proposta deste texto é apresentar reflexões contidas na tese de doutoramento da autora, a partir da análise de conteúdo das postagens da rede social Facebook do Instituto da Mulher Negra, Geledés e da organização Think Olga, durante o período da Covid-19 de 2020 a 2022. A partir de parâmetros da mediatização, da teoria da reprodução social e da cotidianidade, verificou-se comportamentos distintos comunicacionais que não podem ser analisados sem contextualizar ambas as produções de conteúdos das companheiras de pesquisa. Se em um primeiro momento analítico, viu-se uma invisibilidade da temática sobre trabalho doméstico não remunerado em Geledés, ao realizar-se entrevistas em profundidade, constata-se potência de Geledés, no qual defendemos ser um processo de aquilombamento.

PALAVRAS-CHAVE: mídia e cotidiano; mediatização; redes sociais; trabalho doméstico não remunerado; teoria da reprodução social.

A partir de formulações de Vera França (2020), Jairo Ferreira (2018) e Muniz Sodré (2002), iniciamos a conexão entre mediatização e as atividades em prol da vida que não compõem o processo de venda de mercadorias, ou seja, os trabalhos da reprodução social. Compreendemos que a mediatização deve possuir um olhar que consubstancia as relações de opressões sócio-sexo-raciais. Somente dessa maneira, é possível estabelecer que, para a análise da ‘realidade’, esta deve ser flexionada no plural e compreendida em totalidade (Kosik, 1976). Sendo assim, nossa análise da vida em sociedade, mediada tecnologicamente, não pode ser feita apenas sob um único olhar e desconsiderando as opressões sociais interseccionalizadas como parte da operacionalidade do capitalismo. Se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso profissionalizante de Publicidade, no SENAC/SP e do bacharelado em Publicidade, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa GE.TRS – Grupo de Estudos sobre a Teoria da Reprodução Social (UFES) e ESC – Ética (para além) da Sociedade de Consumo (UFSC), email: samara.brochado@gmail.com.

a midiaticização borra as formas de experiência vivida, na pandemia foi condicionado um zona indistinta na própria experiência, o que Sodré diz como “a forma midiática condiciona apenas na medida em que se abre permeabilizações ou permite hibridizações com outras formas vigentes no real-histórico” (Sodré, 2002, p. 23).

Buscar análises da produção comunicativa de Organizações Não Governamentais (ONGs) em plataformas midiáticas foi tentar verificar o fenômeno dialético que Vera França (2020) identifica como constitutivo da vida social. Embora, a própria existência das ONGs se dê para atendimento de demandas relegadas por instituições sociais, elas devem ser entendidas como movimentos de potência, que são organizadas a partir das necessidades de grupos vulnerabilizados que criam espaços de solidariedade. A midiaticização neste contexto está propositalmente muito longe de um olhar enviesado, colonizado, de um sujeito universal, nosso foco foi compreender a *mediaticização como fenômeno de solidariedade*, uma vez que, ao olharmos para as ações comunicativas de uma ONG como Geledés, vemos o poder que os movimentos sociais possuem no partilhar solidário, permitindo ampliar suas potências por meio da intencional exposição (ou não), seja do que pensam ou do que realizam. Acreditamos que essa solidariedade na midiaticização, converge com a atenção dada por Lucrecia D’Alessio Ferrara (2020), no qual defende ser o mecanismo para reinvenção do mundo e da sociabilidade.

Midiaticização não se refere ao mundo tecnológico no qual vivemos e do qual, parece, não queremos escapar, mas refere-se ao modo como podemos reinventar o mundo e as relações humanas, e esse é um programa eminentemente político, ao qual as midialogias contemporâneas estão diretamente atentas (Ferrara, 2020, p. 282).

Como espaço de análise, utilizamos a rede social Facebook. Tinha-se como pressuposto que Geledés colocaria em pauta a temática do trabalho doméstico (remunerado ou não) pelo fato de a pandemia ter impossibilitado que trabalhadoras domésticas remuneradas pudessem vender sua força de trabalho. Acreditávamos que Geledés abordaria com frequência o tema, possivelmente midiaticizando muitas questões que envolvem o dilema das mulheres negras e a venda deste tipo específico de trabalho. Assim como foi pensado que, ao passo que as pessoas estivessem em suas residências, questões dos trabalhos em prol da vida e não remunerados seriam amplamente debatidas. Contudo, em nenhum momento a ONG realizou menções diretas sobre o trabalho doméstico não remunerado. Para nossa surpresa, de todas as categorias de codificação levantadas e diante de uma análise censitária das publicações de 2 anos, Geledés sequer

menciona. Por que o tema é invisível em sua página? Ainda mais em se tratando de atividades exercidas maioritariamente por mulheres negras. A surpresa se estabeleceu, até porque sabemos que Geledés ‘enxerga’ a mulher “anônima, habitante de periferia, nas baixadas da vida” (Gonzalez, 1984, p. 83). Inclusive, Patrícia Hill Collins enfatiza a importância de pesquisas sobre o trabalho doméstico não remunerado das mulheres negras, principalmente pela perspectiva que essas atividades em prol da vida possuem na centralidade da sociabilidade das pessoas negras. Para Collins, mesmo com a pouca investigação, “esses estudos sugerem que as mulheres negras veem o trabalho não remunerado prestado a suas famílias mais como forma de resistência à opressão que como forma de exploração pelos homens” (Hill Collins, 2019, p. 101).

A posse sobre o tema e sua narrativa, pensávamos, era importante e seria potente, de elevação, e, principalmente, de ressignificação do estigma e da subjugação histórica que os trabalhos domésticos não remunerados tiveram. Mas o que vimos foi que, das temáticas visibilizadas por Geledés, a exaltação das pessoas negras é a grande narrativa adotada. Pois bem, se estamos falando sobre invisibilidades, ao promover as personalidades negras, o que Geledés faz é uma tática de luta, tal como Clóvis Moura aborda quando fala que as pessoas escravizadas “ajustavam métodos aprendidos no Continente Negro com outros adquiridos em contato com os brancos” (Moura, 1990, p. 244). Daqui, passamos a compreender o início da trilha de aquilombamento de Geledés, não pela invisibilidade do trabalho doméstico, mas ao exaltar personalidades negras, instaura-se a mítica do quilombo, um “instrumento ideológico contra as formas de opressão” (Nascimento, 1985, p. 46). Estabelecer-se no espaço de comunicação nas redes sociais talvez possa ser compreendido como posicionamento estratégico bélico face à realidade racista que se encontra na sociedade brasileira. Há rebeldia em se autopromover, potência justamente na subversão da estereotipização que a dinâmica social busca estabelecer às pessoas negras. Estaríamos, talvez, diante de novos processos de aquilombamento contra ações que solapam o lugar e papel que tentam impor a este grupo social. Nossa intenção, durante a apresentação no 47º Congresso do Intercom é apresentar alguns exemplos de publicações de Geledés.

Com a total invisibilidade sobre o tema na rede social analisada, decidimos partir para mais uma etapa de pesquisa no intuito de responder esta invisibilidade midiaticizada. Daqui é que se delineia a etapa de pesquisa de entrevistas com as responsáveis pela comunicação das ONGs. Na entrevista com Geledés, Natália Carneiro nos informou que

as redes sociais são parte integrante e importante na dinâmica comunicativa da ONG. Mesmo sob uso, há preocupação com as lógicas predatórias que os monopólios digitais exercem. Com este fato, somado aos projetos mencionados na entrevista e não identificados na análise de conteúdo das redes sociais, demonstram um aspecto central defendido na tese e que compõem as atividades em prol da vida e do cuidado, a solidariedade. É no invisível que esta pesquisa conseguiu a felicidade de se encontrar.

Vamos falar sobre este invisível. Natália, ao ser questionada de como foi a atuação de Geledés, do ponto de vista de estratégias comunicacionais e das decisões de pautas que seriam adotadas nas redes sociais, respondeu que, dentre os oito programas da ONG, ao menos dois versaram especialmente a pandemia, “um é a educação e outro, é o que a gente não deu tanta ‘coisa’ midiática, que foi (*sic*) os PLPs³ em ação.” (Carneiro, 2023, citação 4:8, ¶ 122, 9min 49s). O que Natália quis dizer quando aponta que Geledés não “deu tanta coisa midiática”? A atitude por não dar a “coisa midiática” é justamente o que defendemos por um cuidado solidário na decisão pelo não narrar, ou seja, numa estratégia de comunicação proposital pela via da não mediação. Mas, por que tal decisão? Natália menciona que, dos projetos não mediados, parte das razões estaria na falta de verba ou pelo que denominamos de *invisibilidade como cuidado*. O projeto PLP, p.e., parte dele se alicerça na invisibilidade midiática como estratégia comunicativa. Não mediar as sociabilidades é invisibilidade como cuidado. O projeto Fazemos, p.e., administrado por Nilza Iraci, integrante do Geledés, Natália explica que:

NC: O projeto Fazemos, ele surge por conta das mulheres do projeto “Enquanto viver, eu luto”, que são mulheres que perderam seus filhos, vítimas da violência policial. Esse também não é um projeto que a gente divulga, porque a gente lida com questões muito pessoais, muito particulares, mas é um projeto que ajudou essas mulheres que perderam os empregos, muitas trabalharam dentro de afazeres domésticos né, em casas de família, a gente contribuiu com os processos de economia solidária. (Carneiro, 2023, citação 4:10, ¶ 138, 11min 42s).

Tornar as coisas invisíveis foi uma atitude estratégica de cuidado, uma atitude revolucionária e solidária. Das ações de Geledés, o que se vê é o que classificamos por aquilombamento, uma “prática política [que] apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrige distorções impostas pelos poderes dominantes” (Nascimento, 1985, p. 48). Beatriz Nascimento descreve o quilombo, mas ela também o descreve como mítico, recebendo um significado

³ Aqui a entrevistada fala do projeto Promotoras Legais Populares.

ideológico de lutas contra as diversas formas de opressão da população negra (*Ibid.* loc.cit.). A pandemia da Covid-19 é essencialmente uma crise do capital, a violência imposta pela polícia é uma atitude institucional em prol de um genocídio negro. Portanto, não tornar visível é, para nós, uma atitude de aquilombamento, ou seja, articulações de resistência da população negra, que não são apenas simbólicas, mas ações concretas de uma população que pela consciência de sua negritude e dos papéis históricos que lhe foram atribuídos, agem com “esperança para uma melhor sociedade” (Nascimento, 1985, p. 47). Curiosamente, nos instantes finais da construção da tese, verificou-se uma proposta conceitual que associa processos comunicativos com aquilombamento. As pesquisadoras Maria do Socorro Furtado Veloso e Alice Oliveira de Andrade apresentam o conceito de aquilombamento virtual midiático, “como perspectiva metodológica para a compreensão da emergência, das motivações e das condições de funcionamento das chamadas mídias negras no ambiente digital” (Veloso; Andrade, 2021, p. 174). Mesmo que as autoras olhem particularmente para o modo de produção jornalística contra hegemônico, acreditamos que esse processo comunicativo de aquilombamento converge ao nosso caso, pois tentamos falar sobre o não dito, desvelar o que se quer, propositalmente, manter invisível.

Da invisibilidade das análises das redes sociais e das respostas obtidas na entrevista em profundidade, o que pudemos ver foi muito mais do que o invisível contido nas redes sociais, vimos a ‘realidade’, a concretude de afeto e solidariedade para com as mulheres responsáveis por atividades em prol da vida. Sem renda pelo fato pandêmico, o projeto Fazemos possibilitou uma articulação em rede de solidariedade para que estas mulheres não deixassem de trabalhar, mas que se mantivessem em suas casas. Isso é cuidado, é ação elaborada, pensada, planejada estrategicamente para ser invisível, porque assim precisa ser. E tudo isso, para nós, foi aquilombamento, afinal, o quilombo pode ser considerado como relações sociais de pertencimento, um “sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade” (Nascimento, 1985, p. 47).

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Natália. **Entrevista com Natália Sena Carneiro**. [entrevista concedida a Samara Sanches Brochado]. Tese. São Paulo, *online*. 19 jun. 2023.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Entre meios: o lugar da mídiatização. *In*: FERREIRA, Jairo (org.). **Mídiatização, Polarização e Intolerância (entre ambientes, meios e circulações) [recurso eletrônico]**. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2020. p. 275–295.

FERREIRA, Jairo. Genealogia dos meios e materialização das experiências mentais: perspectivas para pensar a mídiatização. *In*: **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a mídiatização?** Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018. p. 359–376. Disponível em: <http://midiaticom.org/files/entreoquesedizeoquesepepensa.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

FRANÇA, Vera. Alcance e variações do conceito de mídiatização. *In*: **Redes, Sociedades e Pólis: recortes epistemológicos na mídiatização**. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223–244, 1984.

HILL COLLINS, Patricia. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. 3. ed. São Paulo: Lech, 1990.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira. **Afrodíaspóra - revista do mundo negro, Ipeafro**, v. 3, n. 6 e 7, Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil, p. 41–49, 1985.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado; ANDRADE, Alice Oliveira de. Aquilombamento virtual midiático: Uma estratégia metodológica para o estudo das mídias negras. **ALCEU**, v. 21, n. 44, p. 172–189, 2021.